

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

**ANA PAULA DE SOUZA E SOUZA**

**MANIFESTAÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS URBANOS DO  
BAIRRO UNIÃO EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS EM PARINTINS-AM**

Parintins - AM  
2021

**ANA PAULA DE SOUZA E SOUZA**

**MANIFESTAÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS URBANOS DO  
BAIRRO UNIÃO EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS EM PARINTINS-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
no Centro de Estudos Superiores de Parintins –  
CESP como exigência para obtenção do grau de  
licenciada em Pedagogia pela Universidade do  
Estado do Amazonas – UEA.

Orientador: Prof.º Eliseu da Silva Souza

Parintins - AM

2021

**ANA PAULA DE SOUZA E SOUZA**

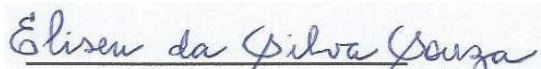
**MANIFESTAÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS URBANOS DO  
BAIRRO UNIÃO EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS EM PARINTINS-AM**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
no Centro de Estudos Superiores de Parintins –  
CESP como exigência para obtenção do grau de  
licenciada em Pedagogia pela Universidade do  
Estado do Amazonas – UEA.

Orientador: Prof.º Eliseu da Silva Souza

Aprovado em: 22/07/2021

**BANCA EXAMINADORA**



**Professor Me. Eliseu da Silva Souza**  
Universidade do Estado do Amazonas



---

**Professora Dr<sup>a</sup>. Vanderlete**  
Universidade do Estado do Amazonas



---

**Professora Me. Gyane Karol Santana Leal**  
Universidade do Estado do Amazonas

## **DEDICATÓRIA**

*Ao meu eterno mestre e orientador Renner Dutra, que acreditou em mim e em minha capacidade no início de todo este trabalho, seus ensinamentos ficarão eternizados em minha memória.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela proteção e toda força concedida quando pensei em desistir, nos momentos de fraqueza ter sido meu refúgio e fortaleza, sem Ele eu não teria chegado tão longe.

A minha família, por terem sido meu alicerce, em especial meus pais, Edel Batista e Graça Souza, minhas inspirações desde sempre, minhas irmãs e irmãos, que me deram apoio nos momentos de fraqueza e angústia; À minha prima Gesilane Soares, desde o início acreditou em mim, mesmo morando longe me fez acreditar que seria capaz; À minha tia Fátima Batista, minha inspiração como professora, sempre me motivando a seguir na área da educação e acreditar que essa é a única solução para que tenhamos uma sociedade mais justa.

Ao meu orientador Eliseu Souza, por toda sua paciência comigo, não foi nada fácil encontrar um orientador que substituísse o papel do professor Renner e o senhor se disponibilizou em me ajudar a construir este trabalho e me fazer seguir, mesmo com todas as dificuldades.

As minhas amigas Daiana Tavares e Sabrina Glória, sem vocês eu não teria realizado este trabalho, foram meu braço direito em todo processo de escrita, me fizeram acreditar que sou capaz de realizar todos os meus objetivos de vida, além de me acalmarem nos momentos de fraqueza e não me deixarem desistir; Ana Paula Santana, por todo carinho, motivação, preocupação e ajuda durante a escrita, mesmo com seus afazeres, me dedicou tempo e empatia; Enolhy Batista, gratidão por toda preocupação e carinho, não soltamos a mão uma da outra do início ao fim.

Ao meu amigo Jonatas Reis, por ter sido uma das primeiras pessoas a ler meu trabalho quando o desespero tomou conta de mim, talvez nem saiba, mas suas palavras de conforto e motivação me ajudaram a persistir; Vinícius Marinho, por ter dedicado seu tempo para me ajudar quando mais precisei e pelo carinho. Obrigada a todos meus anjos em forma de amigos pelo encorajamento nos momentos difíceis, pelo companheirismo e parceria nesta construção.

Ao Centro de Estudos Superiores de Parintins- CESP/UEA, onde eu tive o privilégio de ter os melhores professores do colegiado de Pedagogia durante minha graduação, os conhecimentos ali construídos prevalecerão por toda minha vida profissional.

*Culturas que apreciam e celebram suas crianças pelo que são, bem como pelo que se tornarão, são as culturas capazes de nos conduzir com mais êxito enquanto seguimos adiante neste novo século.*  
Corsaro (2011).

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como a manifestação cultural das crianças é expressa nos espaços urbanos vividos por elas no bairro da União. Os espaços urbanos em bairros periféricos, geralmente são vistos como lugares de perigo, entretanto, na visão das crianças que os utilizam para brincadeiras, eles são espaços de diversidade cultural, no qual elas interagem com outras crianças, possibilitando nos espaços, a troca e construção de cultura. Nos ajudaram na fundamentação deste trabalho Corsaro (2011), Ariès (1988), Muller (2005), Tonucci (2019), Torres (1996), Brougère (1995) e Figueiredo (2017). A inserção como pesquisadora e moradora do bairro, nos espaços urbanos vivenciados pelas crianças, foi o que me levou a adotar uma abordagem baseada na etnografia, embasada em Geertz (1978), ao proporcionar uma forma específica de atuar, em que o pesquisador entra em contato com a realidade vivida pelos pesquisados. A abordagem desta pesquisa foi qualitativa, por ter uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Os resultados da pesquisa apontam que as crianças manifestam sua cultura nos espaços urbanos do Bairro da União durante a pandemia, e elas não deixaram de brincar, como de costume, verificamos que através das brincadeiras, elas constroem sua identidade com o espaço em que vivem.

**Palavras-chave:** Manifestação Cultural Infantil. Brincar. Espaços Urbanos. Bairro União.

## **ABSTRACT**

This work aims to understand how the cultural manifestation of children is expressed in the urban spaces they experience in the União neighborhood. Urban spaces in peripheral neighborhoods are generally seen as places of danger, however, in the view of children who use it. For games, they are spaces of cultural diversity, in which they interact with other children, enabling the exchange and construction of culture in the spaces. Corsaro (2011), Ariès (1988), Muller (2005), Tonucci (2019), Torres (1996), Brougère (1995) and Figueiredo (2017). The insertion as a researcher and resident of the neighborhood, in the urban spaces experienced by the children, was what led me to adopt an approach based on ethnography, based on Geertz (1978), by providing a specific way of acting, in which the researcher enters into contact with the reality experienced by the respondents. The approach of this research was qualitative, as it has a dynamic relationship between the real world and the subject. The survey results show that children manifest their culture in the urban spaces of Bairro da União during the pandemic, and they did not stop playing, as usual, we found that through games, they build their identity with the space in which they live.

**Keywords:** Child Culture Manifestation. Play. Urban Spaces. Bairro União.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura1:</b> Mapa ilustrativo de Parintins, bairro da União incluso.....	33
<b>Figura2:</b> Estação Cidadania João do Carmo .....	34
<b>Figura3:</b> Brincadeira de pular n'água na orla do bairro.....	37
<b>Figura4:</b> Brincando de pescar.....	38
<b>Figura5:</b> Crianças e adultos pescando em um flutuante.....	38
<b>Figura6:</b> Brincando em embarcações.....	39
<b>Figura7:</b> Estação Cidadania durante a pandemia.....	40
<b>Figura8:</b> Frente da Estação Cidadania durante a pandemia.....	41
<b>Figura9:</b> Crianças brincando em uma das ruas do bairro.....	42

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
1 MANIFESTAÇÃO CULTURAL DAS CRIANÇAS.....	15
2 ESPAÇOS URBANOS: UM CAMPO DE VIVÊNCIA E DIVERSIDADE CULTURAL.....	21
3 AS CRIANÇAS, OS ESPAÇOS URBANOS, AS BRINCADEIRAS E A PANDEMIA.....	25
<b>CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>30</b>
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, as discussões acerca da participação de crianças nas pesquisas acadêmicas, tem ganhado mais espaço e notoriedade. Apesar disso, e de constatar que grande parte das pesquisas sobre infância tem se dedicado às atividades infantis atreladas ao contexto em que elas ocorrem, percebe-se que o contexto urbano, principalmente no que concerne a ocupação dos espaços externos, pouco tem sido abordado.

Buscando compreender como a manifestação cultural das crianças é expressa nos espaços urbanos vividos por elas no bairro da União, assim como a distribuição e sua visão a respeito dos espaços urbanos, a pesquisa fundamenta-se em teóricos com Corsaro (2011), Ariès (1988), Muller (2006). Ao abordar o brincar em espaços urbanos, a pesquisa tem como fundamentação, autores como Tonucci (2019), Torres (1996), Brougère (1995) e Figueiredo (2017).

A temática da pesquisa foi instigada devido ser moradora do bairro e por ter acompanhado toda a transformação e movimentação ali presente, além de ter feito disciplinas como Sociologia, Antropologia, Pensamento e Linguagem da criança, nas quais os estudos relacionados à crianças, mostrou-se enriquecedor nos estudos sobre cultura infantil.

Para realizar esse trabalho utilizamos a Pesquisa Qualitativa, por partir do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, pensando assim, a relação de quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos.

Por ser uma pesquisa que envolve a Antropologia e a Sociologia e tendo as crianças como sujeitos principais, na coleta de dados utilizou-se o método etnográfico, o qual é possível afirmar que pode ser entendido como uma forma específica de atuar em que o pesquisador entra em contato com a realidade vivida pelos pesquisados e compartilha seu universo, num exercício que vai além de captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo.

Também trabalhamos com a comunicação dialógica, por esta ser o caminho para o pesquisador perceber e compreender o que acontece na produção da linguagem que a criança adota consigo mesma, com seus pares e com o pesquisador, no decorrer da investigação.

O trabalho está dividido em tópicos como: Referencial teórico; em que discute a manifestação cultural das crianças, os espaços urbano e a relação entre crianças, espaços urbanos, as brincadeiras e a pandemia. No Percurso Metodológico está detalhado como a pesquisa foi desenvolvida e Análise e discussão dos resultados, onde consta o processo em que a pesquisa foi realizada, trazendo informações e dados adquiridos durante a pesquisa, por fim as Considerações Finais, com as respectivas análises do trabalho realizado.

## CAPÍTULO I – Referencial Teórico

### 1 Manifestação cultural das crianças

Estudar as crianças e falar sobre elas é algo que nos aproxima do seu cotidiano e que nos impulsiona saber cada vez mais sobre suas experiências vivenciadas em meio a sociedade, entre as diferentes áreas de estudo e conhecimento, onde as manifestações culturais se destacam, por buscar compreender como se constrói a cultura e identidade do sujeito por meio de suas ações, buscando conhecer além do que já conhecemos.

Defendendo a ideia de que as crianças realizam processos de significação da ação de forma própria, vista pelo senso comum da infância, como uma idade sem sentido das realidades, ou seja, são ações realizadas a partir da alegria e deslumbramento terno dos adultos. Terra (1997, *apud* PORTILHO, 2014), enfatiza que existe uma “epistemologia da infância”, na qual as crianças se dispõem de um sistema de construção de conhecimento e de apreensão do mundo que é específico das crianças e é alternativo ou, pelo menos, diferente do dos adultos, ou seja, as crianças têm a capacidade de produzir e se relacionar com o mundo que os adultos apresentam para elas, algo diferente dos adultos.

Para as crianças aquilo que para os adultos já se tornou monótono, é um universo de descobertas, aventuras, onde cada dia é uma oportunidade de inventar e reinventar o novo. O olhar de uma criança é mais amplo, pois a sua imaginação é fantástica e capaz de analisar cada detalhe do seu cotidiano.

Portilho (2014), ao estudar as culturas da infância, é necessário fazer a desconstrução epistemológica dos processos de apropriação da realidade pelas crianças. As culturas da infância só fazem sentido se afetivamente se considerarem a construção social da infância, ou seja, se for analisada as condições sociais em que as crianças vivem.

Sarmento (2005) nos diz que as culturas da infância, aparecem através de das próprias representações do mundo das crianças, onde são evidenciadas nos jogos e brincadeiras e no uso das suas próprias capacidades significativas. Segundo o autor, representar aquilo que se vive no seu meio social, dando sentido naquilo que

faz e manifesta através da cultura do brincar, é recriar o mundo a sua maneira, é escrever sua própria história com a ajuda de sua imaginação que é ilimitada.

Sarmento e Pinto (1997, p.20 *apud* DELGADO, 2006 p.94) destacam que:

Considerar as crianças como atores sociais tem implicações, como o reconhecimento da capacidade de produção simbólica por parte delas. É a constituição das suas representações e crenças em sistemas organizados, isto é, em culturas.

Ambos os autores, questionam se é possível falar em uma autonomia das culturas infantis, sendo que as brincadeiras, os jogos de faz-de-conta, são produtos das interações com os adultos e outras crianças. Precisamos considerar as condições sociais que as crianças vivem, suas relações com os adultos e quais elementos sócio-culturais são presentes em seu cotidiano, como as brincadeiras que fazem parte do cotidiano da criança e do adulto.

Brincar é um ato universal, que é praticado por adultos e crianças, e sempre fez parte da história da humanidade. Apesar de ser algo que sempre existiu, a brincadeira nem sempre foi considerada uma atividade que ajudaria no desenvolvimento da criança, e sim por muito tempo considerada “perda de tempo”.

Sarmento (2005) destaca que as crianças apresentam diferentes interpretações do mundo e de simbolização do real, que são construtivos das “culturas da infância”, que se caracterizam pela articulação complexa de modos e formas da racionalidade e ação próprias das crianças.

De acordo com Dutra (2020, p.4)

As culturas da infância exprimem os modos diferenciados por meio dos quais as crianças interpretam, simbolizam e comunicam as suas percepções do mundo, interagem com outras crianças e com os adultos e desenvolvem suas ações nos espaços públicos e privados, sendo assim, as crianças precisam ser vistas como construtoras de conhecimento e cultura, essa visão implica reconhecer suas expressões nas mais variadas linguagens.

A existência de diferentes culturas, formas de ser, pensar e sentir especificamente da infância, necessariamente distintas das do adulto, embora também interdependente dessas, é um aspecto que exige olhar por outra ótica, é fundamental olharmos e conhecermos as crianças com base no olhar que elas próprias têm sobre si e o mundo, precisamos conhecer as infâncias pelas vozes das próprias crianças.

Na visão de Ariès, (1988 *apud* CORSARO, 2011, p. 76)

A ideia de infância é uma construção social e histórica do Ocidente, no período medieval, a população estava concentrada no campo, a sociedade da época era denominada pela religiosidade, a mortalidade infantil era muito elevada isso porquê as crianças eram vistas como substituíveis, uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos, que não possuíam singularidades.

Nesse contexto, a criança passa pelo período da ingenuidade e fragilidade, na qual deve receber todos os incentivos para sua felicidade, valorizada como fonte de diversão para os adultos, é nesse período que ocorre o conflito entre a papparicação e a moralização, sendo este o período em que a infância é dada como fase de treinamento para a vida adulta. A obra de Ariès (1988), é um marco para que possamos entender que infância é uma categoria da modernidade e que não pode ser compreendida fora da história da família e das relações de produção.

Um novo sentimento destinado à infância, contrário à papparicação, pautado pelos ideários dos moralistas, fará da infância objeto de estudo, instrução e escolarização. Para Corsáro (2011) as mudanças no interior das famílias e necessidade de educação das crianças, são fatores determinantes para o desenvolvimento do sentimento de infância. É neste momento que a escola se faz presente, enquanto instituição responsável pela separação das crianças e jovens do mundo adulto, confirma-se como defensora do “futuro cidadão”, por meio de práticas autoritárias e disciplinares.

Na visão de Andrade (2010, p. 15) assim descrevem a relação entre a escola e a infância:

[...] a escola tornou-se uma instituição fundamental na sociedade, quando a infância passou a ser vista como fase dotada de diferença, a ser institucionalizada, separada do restante da sociedade e submetida a um regime disciplinar cada vez mais rigoroso.

Considerando que o projeto de escolarização era destinado apenas às crianças ricas da burguesia, visto que por muito tempo, as crianças camponesas permaneceram misturadas ao mundo adulto, realizando trabalhos similares com o dos adultos, sujeitas a terem um futuro árduo, diferente das crianças burguesas que estavam sendo preparadas para seguir os mesmos caminhos dos pais.

A história da criança brasileira também acontece no quadro das mudanças societárias, sendo que as múltiplas vivências da infância ocorreram em razão do pertencimento social, racial e de gênero. Dessa forma, a classe social, raça, etnia foram determinantes para múltiplas formas de vivência do universo infantil, não existindo, “portanto, a infância enquanto categoria universal, e nem a infância no singular, mas diferentes vivências do ser criança em uma mesma cultura”. Gouvêa (2003; *apud*, ANDRADE, 2010).

Segundo Sarmiento (2005), é preciso que se faça uma distinção semântica entre infância e criança, categorias que muitas vezes são apresentadas com o mesmo significado no senso comum.

A Sociologia da infância costuma fazer, contra a orientação do senso comum, uma distinção semântica e conceitual entre infância, para significar a categoria social do tipo geracional,) e criança, referente ao sujeito concreto que integra essa categoria geracional e que, na sua existência, para além do pertencimento de um grupo etário próprio, é sempre um ator social que faz parte de uma classe social, um gênero, etc. (p, 11).

Os conceitos de infância podem apresentar diferentes significados, conforme os referenciais que utilizaremos, sendo que cada autor defende uma ideia. Cohn(2005) diz que em outras culturas e sociedades, a ideia de infância pode não existir, ser criança e quando acaba a infância, são questões que podem ser pensadas e discutidas em diferentes e diversos contextos socioculturais, um exemplo que a autora nos traz é o caso dos Xikrin, uma etnia indígena que mora no Pará, onde o Xikrin é considerado criança até o momento em que passa a ter uma criança que é sua, ou seja, enquanto não se casar e ter filhos , ainda é considerado criança pelo seu povo.

Os limites da infância encontram respaldos, além do campo legal, nas tradições culturais. Para algumas etnias e culturas, a puberdade é considerada o fim da infância e início da vida adulta. Os níveis ou ciclos de escolaridade também são possíveis fronteiras para demarcação da infância, no Brasil por exemplo, a escolaridade até os 06 anos de idade, é denominado Educação Infantil, de 06 a 14 anos se dá o Ensino Fundamental, sendo esta considerada como idade limite para o indivíduo deixar a sua condição infantil.

Considerando que muitas crianças concluem o ensino fundamental com idade superior aos 14 anos, podemos inferir o quanto é arbitrário o critério de escolaridade

para definição do limite etário da infância. De acordo com a lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990, no artigo 2º, do Estatuto da Criança e do Adolescente, considera -se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquele entre doze e dezoito anos de idade.

Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito vinte anos de idade. Uma sociedade de extremas diferenças resulta no convívio com diferentes infâncias. Rocha (2003, p.16) diz que:

A delimitação da infância tem se dado predominantemente por um recorte etário definido por oposição ao adulto, pela falta de idade, pela imaturidade ou pela inadequada integração social. Esta visão será contestada principalmente quando delinea-se um conceito de infância, arrendatário de um novo tempo que passa a considerar as diferentes formas de inserção da criança na realidade, no mundo adulto, nas atividades cotidianas, nas brincadeiras e nas diferentes formas de manifestação cultural. [...] a infância permanece no horizonte, como depositária das esperanças da sociedade futura, de uma forma ou de outra, pela preservação e pela disciplinação.

Ao mesmo tempo em que obviedade de que a infância não é única, esbarra cotidianamente na nossa frente num mundo onde convivemos com a exploração do trabalho infantil, com a exacerbação do consumo infantil e com crianças excluídas de todas as suas possibilidades de sobrevivência. Uma sociedade de extremas diferenças resulta no convívio com diferentes infâncias, aquelas vividas por crianças que tem um pleno reconhecimento dos seus direitos e por aquelas que não tem.

Esse entendimento da infância rompe com o paradigma da criança frágil, inocente, dependente e incapaz, dando lugar à concepção da criança rica, forte, poderosa e competente, construtora de conhecimento, identidade e cultura. Conforme Andrade (2010, p. 25) enfatiza:

A criança é reconhecida como um sujeito ativo, competente, com potencialidades a serem desenvolvidas desde o nascimento; sujeito que aprende e constrói conhecimentos no processo de interação social.

As crianças são atores sociais, participando da construção e determinando suas próprias vidas, mas também a vida daqueles que as cercam e das sociedades em que vivem, contribuindo para a aprendizagem como agentes que constroem sobre o conhecimento experimental, ou seja, elas têm atividade e função; os relacionamentos sociais e as culturas das crianças são dignos de estudo por direito.

Elas elaboram sentidos para o mundo e suas experiências compartilhando plenamente de uma cultura, tendo autonomia cultural em relação ao adulto, o que Corsaro (2011, p.31) denominou de reprodução interpretativa.

O termo interpretativo abrange os aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade. Na verdade [...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações.

O autor analisa três tipos de situações como elementos universais das culturas infantis: a partilha de rituais, como no caso dos jogos de aproximação e fuga, cuja estrutura se repete em diferentes culturas; o desempenho de ações coletivas de resistência às regras e normas do mundo adulto; e a criação partilhada de enredos de fantasia nas situações improvisadas nos jogos dramáticos.

As crianças não imitam ou copiam de formas simples e diretas o mundo dos adultos, elas o transformam, modificam, contestam, ampliam, confirmam, ou seja, elas elaboram ideias próprias sobre esse mundo, revelando suas necessidades, seus interesses, seus conhecimentos e seus desejos.

Clarice Cohn (2005, p. 09) esclarece que:

A criança atuante é aquela que tem um papel ativo na constituição das relações sociais em que se engaja, não sendo, portanto, passiva na incorporação dos papéis e comportamentos sociais. Reconhecê-lo é assumir que ela não é um “adulto em miniatura”, ou seja, a criança interage ativamente com adultos e outras crianças, nos espaços em que vive, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações.

Além de conhecer as culturas produzidas pelas crianças, faz se necessário conhecermos a cultura produzida para as crianças, e entendermos como isso contribui para um abalo das tradicionais noções da infância na contemporaneidade.

As culturas produzidas para as crianças, segundo Müller (2006), são constituídas por duas dimensões: a cultura infantil produzida pelas grandes corporações internacionais e a cultura infantil escolar.

A primeira, seguindo o pensamento de Steinberg (1997, *apud* MÜLLER, 2006) é uma criação da sociedade, que está sujeita à mudança sempre que ocorrem importantes transformações sociais, ou seja, assim como as transformações econômicas vão ocorrendo, surge um novo conceito de infância pelas grandes corporações, como a Mc Donald's, que tem se tornado no decorrer do tempo, como produtora da colonização da consciência infantil.

A escola, sendo uma instituição social, que contribui com a definição de uma forma eficaz do significado de ser criança, e crianças de uma determinada idade, é também produtora de poderosos traços culturais que objetivam a infância.

A cultura infantil escolar, aponta alguns traços que reforçam uma ideia do que as crianças são e devem ser, como a distribuição das turmas pela idade e não pela capacidade de cada uma delas, o caráter regado na relação entre professor e aluno, bem como os tempos e os espaços escolares.

Percorrendo a construção histórica do conceito de criança apresentado pelos discursos teóricos, bem como a predominância da visão focada na natureza infantil, avalia-se a ideia da criança abstrata, independentemente de sua condição social e cultural, uma criança frágil e dependente do adulto, a ser conduzida e normatizada pelo processo educacional. Permite-nos perceber a importância da desconstrução das representações sociais sobre as crianças para que elas verdadeiramente possam assumir a condição de sujeitos de direitos nos espaços em que vive.

## **2 Espaços Urbanos: Um campo de vivência e diversidade cultural**

Ao considerar as crianças como atores sociais e a cidade como cenário cultural é indispensável pensar sobre espaços urbanos e nas mudanças estruturais pelas quais a sociedade tem passado juntamente com os espaços em que elas vivem e interagem.

Em termos gerais, o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si, definindo áreas como o centro das cidades, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão, áreas industriais e áreas residências, distintas de forma e conteúdo social, áreas de lazer e, entre outros, aquelas de reserva para futura expansão. Esse conjunto define a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado.

Segundo Corrêa (1995), eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais parente, materializada nas formas espaciais. Formas que definem a porção do espaço apropriável para a vida, sendo apropriada através do corpo, dos sentidos, dos passos de seus moradores. É possível explorar a relação entre apropriação do espaço urbano

com o cotidiano e com a construção da identidade, bem como suas possibilidades de mudanças e transformação.

Às práticas cotidianas são caracterizadas pela criatividade, que supera a racionalidade planejada e dominante que tenta impor na cidade. Os espaços apropriados pelos cidadãos nas suas práticas cotidianas é mais que um espaço concreto, é vivido, subjetivado, ressignificado, tornando-se parte de seu espaço, seu lugar.

O espaço da criança na cidade é um ponto relevante a ser compreendido, inclusive a própria construção do espaço urbano, como ele é organizado, distribuído e direcionado, e como eles são (ou não) apropriados pelas pessoas.

O espaço que seria das crianças é apoderado pelo poder, primeiro das classes e depois das instituições representativas da sociedade, e transformado num instrumento de dominação (Lima, 1989, apud CORRÊA, 1995, p. 23)

A sociedade atual em partes, vê a cidade, com um olhar receoso, criado por interesses políticos e econômicos, apoiado pelos meios de comunicação de massa, gerando um isolamento justificado, como a violência, o medo do outro.

Francesco Tonucci (1997), diz que há muito tempo, tínhamos medo do bosque. Era o lugar onde se podia perder, onde podia acontecer qualquer coisa. Hoje, a cidade tomou o lugar do bosque e das fábulas infantis. Seguindo a visão do autor, os espaços urbanos como a rua, são delimitados apenas como um local de passagem, que para muitas crianças pode ser vista como local de perigo, tendo sua liberdade reduzida, restritas de desenvolver formas particulares de perceber a cidade.

As cidades possuem peculiaridades, historicidade, assim como as infâncias das crianças, algo que podem se cruzar e formar fatos únicos, como a manifestação cultural nos espaços urbanos. No entendimento de Araújo (2016, p.109):

Nas cidades, a criança cresce andando por ruas, subindo ladeiras, escadas, contemplando prédios ou passando por portas e igrejas. Assim, o espaço urbano das cidades é um espaço humano. As crianças encontram, constroem e percebem os lugares e se deslocam neles.

No decorrer da vida, elas se ocupam em construir e entender suas biografias pessoais em localidades espaciais particulares e a partir dessas. Elas vivem em uma cidade planejada por adultos e para adultos, onde a brincadeira é uma forma de construir a cidade ao seu modo.

Partindo tanto da antropologia social e da criança, podemos considerar as infâncias como vividas de acordo com os mais diversos contextos e interpretações feitos pelos sujeitos, considerando a situação da limitada autonomia infantil diante de fatores como cidades, contextos, sociedade e família.

Infância e lugar são segundo Lopes e Vasconcelos (2006, apud ARAÚJO 2016), conceitos interligados, pois “*toda criança é criança de um local*”. Assim, a cidade com seus espaços, possuiriam uma função de localizar a criança no processo de construção de uma infância específica, relacionada a um lugar e não a outro. Elas se apropriam do conhecimento sobre onde elas vivem. A criança formula um sentido ao mundo que rodeia, onde a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa.

Considerando as reflexões sobre o lugar e os tempos nos quais os estudos envolvendo as culturas infantis, do princípio de que a infância é uma construção social, buscar saber como a manifestação das culturas infantis tem sido evidenciada nos espaços urbanos vividos por elas, considera que o lugar e o tempo no qual as crianças vivem leva à produção de determinadas infâncias.

De acordo com (Magnani, 2000, apud ARRUDA, MÜLLER, 2010) os estudos antropológicos procuram investigar sobre a realidade dos centros urbanos para compreender melhor a dinâmica em que se processa o cotidiano de diversos grupos sociais. As diferentes relações das crianças com os espaços do bairro e suas singulares relações sociais remetem àquilo que pode ser apontado como uma das características da cidade: a diversidade cultural (TORRES, 1996), a qual é vista pelas crianças por meio de suas experiências, suas memórias e sua utilização da casa, das ruas, da vizinhança, do bairro e da cidade como um todo.

Nesse contexto, observa -se um movimento em busca da valorização do lugar, da cultura local, do orgulho de pertencer. Isto posto, vê-se que Damiani (2002, p.90) é enfática ao expor que:

Os espaços de lazer significam vida na cidade, notadamente na periferia, para aqueles que sobrevivem precariamente. Vê-se a possibilidade de se criar de modo espontâneo, a centralidade na periferia, resultado do “encontro dos moradores e da partilha de seus costumes arranjados, que resistem à devastação dessa cultura no cotidiano das cidades (p.90)

O espaço de lazer urbano é democrático e tem significação social múltipla, cada qual com sua peculiaridade, possibilitando recuperar a ação e a consciência de cada um e de todos, como vida social, produzida socialmente. As legislações que

regulamentam as divisões e ocupações do solo urbano precisam acompanhar as transformações das necessidades que a cidade apresenta à medida que a população se organiza de modo diferente.

Em seu estudo etnográfico “Crianças situadas: Um passeio por Woldsby, Müller (2003), apresenta a forma que as crianças estão situadas na cidade e como as próprias crianças constroem, o conhecimento situado de sua localidade:

Elas têm um conhecimento local detalhado da cidade, construído por meio de seu contato concreto com ela e de sua mobilidade dentro e em torno dele. Seu conhecimento situado é parcialmente biográfico e pessoal, mas também é produzido coletivamente. As crianças vivenciam as cidades juntas, e o significado dos lugares é elaborado e produzido no engajamento e na atividade coletiva. (MÜLLER, 2003, p. 154).

As crianças demonstram sua criatividade e autonomia, vivenciando as brincadeiras nos espaços do bairro, criando territorialidades para realizações pessoais e coletivas, manifestando com essas dinâmicas suas culturas, as quais são o grande legado da cultura infantil. Um patrimônio inestimável em constante transformação e ampliação das mãos dos brincantes, configurando, portanto, rico espaço de criação (KLISYS, FONSECA, 2008).

Nas brincadeiras, ruas funcionam enquanto espaços construídos temporariamente e os indicadores de posse são os obstáculos colocados pelas crianças, deixando muitas vezes, condutores de veículos impacientes, ao se apropriar do espaço comum, enfrentam contestações e vão tecendo universos particulares a partir do possível e não do ideal.

Conforme Bougère (1995) a brincadeira tem caráter indeterminado, o que é seu atrativo e limite. A brincadeira da rua é momento da invenção, criação, imaginação. De modo geral, entulhos transformam o espaço, atrapalham o trânsito, mas as crianças veem neles, novas formas de brincar. Nesse sentido, o brincar assume papel importante para as crianças “[...] pode ser um espaço privilegiado de observação de uma variedade de fatores, contextualizados das culturas infantis e de interação com as crianças” (TOMÁS, 2006, *apud* MÜLLER, 2006, p. 554).

Mas como ela é vista pelas crianças? Os espaços urbanos continuam sendo espaços de brincadeiras perante a pandemia? Para realmente entendermos a cidade, os espaços urbanos através do olhar das crianças, é preciso se abrir para as possibilidades da imaginação, já que sua maneira de se relacionar e interagir com o mundo e com o espaço em que vive, faz uso da imaginação, que na via contrária, é

justamente por meio do mecanismo da imaginação que a cidade pode se tornar um espaço vivo para as crianças e de constante aprendizagem.

As novas configurações urbanas se refletem de forma contundente nas experiências de vida urbana das crianças, frequentemente apartadas da rua e de outros espaços públicos, perdendo a dimensão do espaço público como lugar de encontro, convívio, vivências, jogos livres e brincadeiras, além do contato com a natureza.

Para qualquer proposta de espaço urbano, independente do viés da renda ou da infraestrutura, deve-se pensar em um contexto de bem-estar social, desenvolvimento sustentável e outros aspectos que possibilitem uma relação saudável com o espaço.

### **3 As crianças, os espaços urbanos, as brincadeiras e a pandemia**

“Ser criança, sempre foi difícil, não só em tempos de pandemia”. Na live da I Jornada Nacional de Educação Infantil (2019).<sup>1</sup> Tonucci (2019) nos traz essa afirmação, na qual nos faz pensar sobre o ser criança. Durante a pandemia, as crianças são quem mais tem sofrido, por ter como um dos eixos de sua cultura a interação, na qual realiza a troca de conhecimentos, lhe proporcionando aprendizagem e sociabilidade, ter que se manter isolada dentro de casa, sem contato com amigos, gera uma onda de conflitos internos e não aceitação do real.

A pandemia do Corona vírus SARS-COV-2 que causa a doença infecciosa COVID-19 tornou-se um desafio à sociologia em vários sentidos. Sendo este um evento macro, global, com velocidade de expansão recorde, que interfere nas lógicas de reprodução dos distintos sistemas sociais das mais variadas formas.

Com o agravamento da pandemia, por prevenção, medidas foram tomadas, como o fechamento das escolas, parques de diversão, entre outros lugares públicos e privados, permanecer em casa, sem contato físico com qualquer pessoa que não fosse de sua residência, se tornou uma espécie de medida preventiva contra o vírus. No entanto, as medidas atingiram de forma mais intensa as classes populares, com a perda de emprego e renda por exemplo, as situações precárias de condição de vida, se agravaram durante a pandemia.

---

<sup>1</sup> Site: <https://youtu.be/5YBh5n-ZVKY>

Inserindo as crianças neste contexto pandêmico, por não serem a princípio, do grupo de risco, elas foram orientadas a ficar em casa, onde passaram a expressar sua manifestação cultural através de brincadeiras dentro de suas casas, na ausência de seus amigos, porém com a presença de seus familiares.

Do modo em que elas brincavam nos espaços públicos urbanos, como as ruas e praças, utilizando objetos que ali encontravam e os transformando em brinquedos, se tornou praticamente impossível. As brincadeiras infantis tiveram que ser adaptadas dentro de casa, dependendo do contexto familiar de cada criança, a reinvenção se dá com objetos que antes não eram vistos por elas como uma ferramenta de diversão.

Perante a pandemia, as crianças podem aproveitar a presença dos adultos, como seus avós e conhecer as histórias de seus antepassados, a árvore genealógica de suas famílias, como diz Tonucci (2019), aproveitar a união de gerações, do passado e do presente, vasculhar o baú de histórias.

O confinamento e as restrições impostas pela pandemia, colocaram novos desafios ao uso dos espaços urbanos. Se a literatura dos estudos da criança/infância, vinha apontando de forma crítica o desaparecimento das crianças dos espaços públicos urbanos (Sarmiento, 2018), com a pandemia e as medidas de restrição à mobilidade, esta situação pode ter se agravado. Por outro lado, levou a uma maior procura de espaços abertos ao ar livre.

As crianças ficaram mais fechadas nos espaços domésticos. As praças públicas, áreas de recreação como parques, serviram apenas para respirar um pouco de ar fresco durante curtos períodos em que elas não estiveram autorizadas a usufruir do espaço público para o brincar.

As palavras de Tonucci, (1997 *apud* KUHNE; SILVEIRA, 2008) a propósito da cidade fazem todo o sentido para caracterizar os parques e as praças públicas em tempos de pandemia:

“[...] a criança não pode viver experiências fundamentais para o seu desenvolvimento, como: a aventura, a busca, a descoberta, o risco, a superação dos obstáculos e, portanto, a satisfação, a emoção. Não pode brincar. Estas experiências necessitam de condições fundamentais que desapareceram: o tempo livre e um espaço público partilhado” (p. 151).

O tempo livre que as crianças tinham para brincar nos espaços públicos urbanos, lhes foi tirado, o que temos visto no contexto pandêmico é o surgimento de “cidades fantasmas” com seus espaços livres e públicos verdadeiramente esvaziados, a presença de crianças se tornou escassa.

Atividades que antes da pandemia eram realizadas apenas por adultos, com a pandemia tornaram-se entretenimento familiar, uma forma de se adaptar à situação que está sendo vivenciada. As crianças sendo sujeitos ativos, são capazes de proporcionar uma diversidade de atividades e eventos que ao ver dos adultos, é uma novidade a ser explorada por ambos, dentro do espaço doméstico.

Segundo a Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020). É importante que percebam que será temporário, mas que tem outros fatores positivos, como poder estar mais tempo com seus pais, poder brincar de forma conjunta em família, buscando manter as suas rotinas dentro do possível. Crianças que antes da pandemia tinham pais ausentes por passarem mais tempo no trabalho do que em casa, com a pandemia tiveram a oportunidade de um convívio mais afetivo.

Retornando nossa abordagem sobre a criança nos espaços urbanos durante a pandemia, podemos afirmar que a ausência de participação das crianças está relacionada a uma dada concepção de infância que não considera a alteridade e os direitos das crianças, sendo estas consideradas como um grupo social inviabilizado, com pouco poder de decisão sobre os espaços em que frequentam as políticas de mobilidade e planejamento urbano. (SILVA; *et al*, 2020).

É necessário que em meio à pandemia, as crianças sejam vistas não como seres em transição para a vida adulta, mas como seres completos que desempenham, de seu modo, ações singulares de uma agência social que precisam ser compreendidas e então interpretadas, elas são habitantes urbanos que participam ativamente na construção do espaço, e cujo desenvolvimento, identidade e bem-estar estão intimamente ligados ao meio em que se inserem e aos espaços que frequentam.

O confinamento trouxe desiguais mudanças nas famílias. A pandemia revelou e alavancou desigualdades sociais. Não será exagero retórico dizer que o COVID-19 é um fenômeno eminentemente social com repercussões médicas e sanitárias.

A pandemia veio expor e agravar as contradições e as desigualdades sociais das sociedades neoliberais com os grupos mais vulneráveis a serem particularmente afetados. Dentre estes grupos destacam-se as crianças com deficiência e as que vivem em contextos socioeconômicos mais desprivilegiados.

As crianças que residem em bairros mais pobres das cidades, são as que mais sentem o impacto da pandemia, mudanças no cotidiano, reduziu o leque de atividades desenvolvidas por elas, o brincar nos espaços públicos urbanos tornou-se

uma nostalgia, sendo esses evocados como espaços de interação que favorece a interação entre pares.

Com a restrição do contato físico, intensificou a utilização da televisão e da internet (desenhos animados, séries, etc.) tornando-se uma forma de entreter as crianças dentro de casa. Sendo está um realidade diferente dependendo da classe social da família na qual a criança faz parte.

As crianças das classes médias, ainda que tenham passado por semelhante processo, revelam o exercício de um conjunto bem mais alargado de atividades: desenhos, plasticinas, colagem, culinária, instrumentos de música, leituras, jogos de aprendizagem, etc. (LOPES, *et al*; 2020, p. 18).

Compreende-se que para impor uma diversificação de atividades às crianças, algumas famílias estão a impor regras restritivas na fase de confinamento, ao acesso e ao tempo nos dispositivos eletrônicos.

A pandemia por Covid-19 tornou mais visíveis as desigualdades estruturais urbanas, tendo um grande impacto no direito das crianças em brincar ao ar livre e a usufruir de espaços públicos. Sabemos que com a pandemia o acesso a espaços públicos urbanos tem sido restringido, o tempo livre que as crianças têm para brincar, desaparece à medida que o controle por parte dos pais se torna omnipresente; são eles que permanentemente decidem onde, com quem e como pode a criança brincar. O espaço deixa de ser partilhado quando o contato com os pares, conhecidos e desconhecidos, é cada vez mais restringido e até impedido.

O uso de máscara, a higienização das mãos das crianças, a escolha de outras áreas que não o parque infantil para brincarem são sintomáticos das transformações em curso e estas vão adquirindo intensidade à medida que o número de contágios aumenta. O controlo dos pais torna-se cada vez mais presente e mais restritivo e o direito das crianças ao espaço público e à cidade é colocado em xeque.

Deste modo, o confinamento tornou saliente a enorme vantagem que era a de se ter um terraço ou um jardim em casa, para não falar do privilégio que representava morar numa casa com espaço suficiente para se implementarem, caso fosse necessário, medidas de isolamento de algum membro do agregado familiar.

Nestes tempos de pandemia, os parques tornam-se progressivamente um “quintal alternativo”, onde as crianças só brincam e convivem com um grupo muito selecionado de indivíduos. Explorar estas pistas afigura-se como um desafio para a investigação sociológica futura. (LOPES, *et al*, 2020, p. 19)

Os impactos das medidas de enfrentamento à COVID-19 na vida das crianças, demandam ações imediatas. Tal como a importância dos espaços públicos,

especialmente ao ar livre, que podem possibilitar o usufruto e a mobilidade independente de crianças, deixá-las brincar e explorar o espaço de acordo com as suas próprias coordenadas.

É necessário promover a participação ativa das crianças na cidade, assegurando-lhes o seu direito a brincar, a usar os espaços urbanos de forma autónoma, garantindo igualdade de oportunidades para crianças com diferentes origens sociais e a sua participação efetiva nos processos de definição das políticas públicas à escala urbana.

Entender como se sentem as crianças durante a pandemia nos permite buscar formas para tentar contribuir com o enfrentamento do que se está vivendo durante o período de isolamento ou distanciamento social. Em situações como essa é fundamental compreendermos a necessidade de nos tornarmos solidários, tentarmos estabelecer uma cooperação global para que possamos vencer tanto o coronavírus SARS-COV-2 e a doença infecciosa COVID-19, quanto qualquer outro patógeno que possa assolar a humanidade.

Compreendendo como as crianças se sentem durante a pandemia, podemos buscar solução para contribuir com os desafios que teremos que enfrentar no mundo pós- pandemia como a readaptação em lugares públicos, mesmo com os usos de máscara e álcool em gel. Se o confinamento implicou a reclusão das crianças em casa, com o desconfinamento, sabemos que muitas limitações permanecerão.

Ao presenciar a intensa movimentação das crianças nas ruas do bairro da União, local em que resido e percebendo que as mesmas, nem sempre têm vez e voz, nos impulsionou para desenvolvermos uma pesquisa com crianças nos espaços urbanos, na qual buscamos verificar como é configurada a classificação dos espaços urbanos pelas crianças no Bairro da União, localidade diversificada, com diferentes linguagens, informações e culturas.

Considerando esse espaço urbano e sua importância na construção da identidade, também buscamos compreender qual a visão que as crianças do bairro têm a respeito dos espaços urbanos vividos por elas antes e durante a pandemia.

É importante salientar que a pesquisa partiu de observações iniciais na Orla do bairro, onde um grupo de crianças brincava por entre os barcos e as pontes, criando e recriando brincadeiras. Além disso, observamos um número elevado de crianças nas ruas, brincando em pares em meio ao trânsito. A presença de crianças em ambientes diferentes proporciona modos diferentes de brincar, o que leva a crer que contexto e brincadeira estão intimamente ligados.

A brincadeira motiva, cativa e envolve a criança, que usa a sua imaginação para dar significado ao que ela cria ao brincar. Moyles (2002 p,11) afirma que “*o brincar é sem dúvida um meio pelo qual os seres humanos exploram uma variedade de experiências em diferentes situações, para diversos propósitos*”. Vale ressaltar que quando brinca, a criança não perde a noção do real, pois sabe que está apenas representando um objeto, situação ou fato.

A necessidade que a criança tem pelo brincar, se dá pelas observações do cotidiano, a qual está inserida, por exemplo, quando a criança imita o mundo real através dos seus brinquedos em uma brincadeira, ela se coloca como a criadora e seus brinquedos são usados como peças de simulações do seu imaginário.

A pesquisa teve a perspectiva da compreensão da cultura das crianças e como ela pode colaborar na aprendizagem, sendo esta vivenciada em um bairro periférico. O número de crianças que moram no bairro é elevado, muitas famílias são oriundas de outros bairros e da zona rural do município, apresenta uma pluralidade entre os moradores, onde cada família tem o seu modo de conviver e interagir.

Para realizar esse trabalho de pesquisa utilizamos a Pesquisa Qualitativa que segundo Chizzotti (2010), parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a

subjetividade do sujeito, pensando assim, a relação de quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos.

Por ser uma pesquisa que envolve a Antropologia e a Sociologia e tendo as crianças como sujeitos principais, na coleta de dados utilizou-se o Método Etnográfico, o qual é possível afirmar que pode ser entendido como uma forma específica de atuar em que o pesquisador entra em contato com a realidade vivida pelos pesquisados e compartilha seu universo, num exercício que vai além de captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo.

Geertz (1978, p. 15) ao definir o método, afirma que:

[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são estas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa.

O método de observação foi participante, pois a mesma implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos. É preciso ponderar sobre o momento certo para perguntas e por vezes esperar mais do que o imaginado. As entrevistas formais são muitas vezes desnecessárias, principalmente ao se trabalhar com crianças, ela as deixa como um mero objeto de pesquisa, na qual só responde aquilo que o pesquisador quer ouvir.

Na observação participante, os dados podem vir ao pesquisador sem que ele faça qualquer esforço para obtê-los e isto pode ajudar significativamente na manutenção do relacionamento estabelecido. Também trabalhamos com a comunicação dialógica. Segundo Rhoden (2010), a comunicação dialógica pode ser o caminho para o pesquisador perceber e compreender o que acontece na produção da linguagem que a criança adota consigo mesma, com seus pares e com o pesquisador, no decorrer da investigação.

Para Gonzáles Rey (2005), compreender a pesquisa como um processo dialógico possibilitará o conhecimento do sentido subjetivo do indivíduo, em seus aspectos sociais e individuais.

A pesquisa foi realizada com crianças, no Bairro da União, no Município de Parintins, fazendo uso de todos os cuidados indicados pela Organização mundial de saúde -OMS, devido a pandemia do novo Coronavírus. Para tanto, utilizando o telefone celular como instrumento de abordagem de imagens e áudios, além do

caderno de campo, no qual foi feita as abordagens adquiridas a partir das leituras realizadas e da interação com os sujeitos da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada durante o mês de junho de 2021. As crianças observadas, foram as que utilizavam os espaços urbanos do bairro, como as ruas para expressar suas manifestações culturais antes e durante a pandemia. Foram observadas crianças que brincavam nos espaços urbanos do bairro, em grupos de 5 e 6, na presença dos adultos responsáveis por elas, onde nos foi autorizado, a partir de diálogos, tirar fotografias para desenvolver as análises de dados.

Para nossa coleta, observamos crianças que residem no bairro da União, por também ser residente e conhecer as crianças que residem próximo da orla, buscamos conversar com aquelas que estavam brincando no momento de nossa coleta. A coleta de dados durou 15 dias apenas, pela parte da tarde dos dias, incluindo os feriados.

Para que a identidade das crianças fossem preservadas, usamos nomes fictícios, escolhidos pelas próprias crianças, nomes estes que foram escolhidos por gostarem de algum jogador de futebol, personagens de filmes ou desenhos infantis. Com o intuito de obter no resultados na pesquisa, pedimos autorização dos responsáveis das crianças presentes nos locais de pesquisa, segundo Kramer(2002) "*solicitando sua autorização e indagando às pessoas que mostram seu rosto*" realizamos questões éticas para assegurar a participação dos sujeitos.

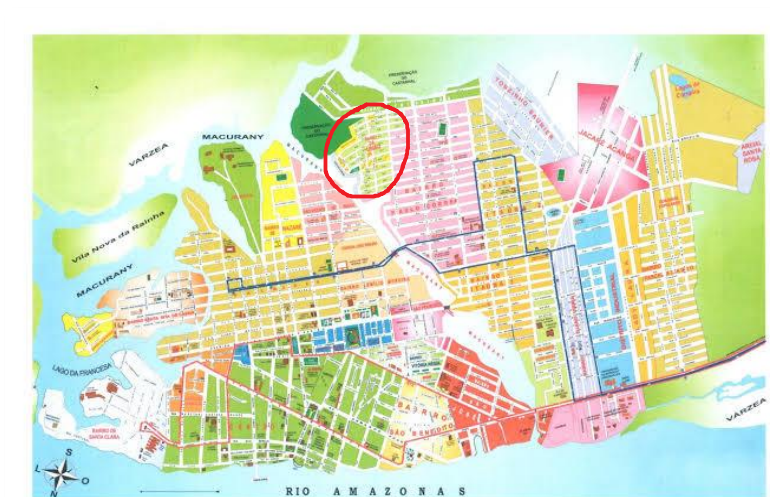
Por ser um campo de pesquisa familiar, a entrada no campo se deu de forma tranquila, com certa familiaridade no local, as crianças abordadas aceitaram de forma amigável participar, mesmo sendo apenas por observação e registros fotográficos.

### **CAPÍTULO III: As brincadeiras e as vozes das crianças do Bairro da União**

Para compreender com mais profundidade as manifestações culturais infantis presentes no Bairro da União, faz-se necessário conhecer as particularidades geográficas, econômicas e sociais que o mesmo apresenta. Localizado na zona sudoeste da cidade de Parintins, o bairro é conhecido popularmente pelo nome "Invasão" devido sua origem pautada nas ocupações irregulares que se deflagraram

no município no ano de 2008, contudo, após todo o histórico de luta e resistência para que o espaço fosse devidamente reconhecido como bairro, os moradores rejeitam esta nomenclatura depreciativa.

**Figura 1: Mapa ilustrativo de Parintins, bairro da União incluso.**



Fonte: [www.ifamparintins.com.br](http://www.ifamparintins.com.br) (2021)

As terras que hoje formam o Bairro da União pertenciam ao latifundiário santareno Paulo Corrêa, a ocupação, a princípio, contava com famílias vindas de bairros próximos que não tinham moradia própria e, sobretudo, por pessoas vindas de comunidades ou municípios vizinhos que buscavam residência e emprego na cidade de Parintins. Após diversos conflitos dos ocupantes com o poder público a prefeitura comprou as terras e regularizou os lotes levando a infraestrutura necessária para que todos se estabelecessem ali.

As ocupações mais recentes tiveram início nos anos de 1990 com o surgimento dos Bairros Itaúna I e II. Em 2010 surge o Bairro da União, que atualmente é reconhecido nos projetos urbanos de Parintins como bairro oficial (SOUZA, 2013)

Atualmente, o bairro possui serviços básicos de saúde, como a UBS União, iluminação, abastecimento de água (este que ainda não é próprio do bairro) e espaço de lazer denominado Estação Cidadania João do Carmo, localizada na orla do bairro, contém uma biblioteca, uma quadra poliesportiva coberta para jovens e adultos, uma pista de skate, equipamentos de ginástica, playground com brinquedos, pista de caminhada e uma enorme área que seria uma área verde.

**Figura 2: Estação Cidadania João do Carmo**



Fonte: [www.fatoamazonico.com](http://www.fatoamazonico.com)

Para conhecer como a manifestação cultural das crianças é expressa nos espaços urbanos do Bairro da União e de que forma são vividos por elas, num primeiro momento fizemos um levantamento sobre quais são estes espaços e os horários onde teria a presença de crianças.

Durante nossas observações, percebemos que a maior incidência ocorre pelo período da tarde, entre às 15:00 horas e às 18:00 horas e os locais onde a presença de crianças era mais frequente foram as ruas, entre as que observamos, estão a rua 06 e 08. No bairro da União, as ruas são popularmente conhecidas por numeração, mas o bairro possui CEP e ruas suas respectivas nomenclaturas, mas não são familiarizadas pelos moradores.

Tratando-se dos lugares ocupados pelas crianças, a escolha/preferência por um dado espaço em detrimento de outro está relacionada aos atributos ambientais (espacial, físico e social) oferecidos e percebidos por seus usuários. De acordo com Min e Lee (2006, *apud* LUZ & KUHNEN, 2013) estes atributos influenciam também na forma como o espaço é utilizado, em termos de frequência e variedade de comportamentos, sobretudo em grupo.

Durante a coleta de dados contactamos com duas crianças de 11 anos de idade moradoras da rua 06, que estavam sentadas em frente de suas casas. Para que a tivéssemos informações, pedimos para ficar ali com elas e fazer companhia, por serem crianças conhecidas, pelo fato de moramos na mesma rua, a conversa se deu de forma natural, perguntamos de que forma viam a distribuição dos espaços urbanos do bairro e os espaços em que tinham disponível para brincar. Na descrição da conversa,

os nomes das crianças serão substituídos por nomes fictícios, para preservar suas identidades, as informei sobre este aspecto e especialmente de suas contribuições para a pesquisa. Ao perguntar sobre o que entendiam de espaço urbano e explicar o significado, elas então deram seu entendimento referente ao espaço urbano do bairro em que residem:

*Yago: - O espaço urbano é pequeno, não tem muito onde a gente brincar aqui não, a gente brinca só no quintal aqui de casa, na praça a gente brincava quando não tinha o corona vírus.*

*Yuri: - A gente não pode brincar na rua não, o papai não deixa, ele diz que é perigoso, a gente pode sofrer um acidente e morrer (hummmm) quando o papai tem tempo, ele leva a gente pra brincar lá no centro, no parquinho da praça lá a gente pode brincar.*

*Yago: Aaaah, a gente também vai ver o pessoal que fica pescando lá na beirada, o papai sempre diz que vai levar a gente pra pescar, mas ele esquece de comprar o caniço, aí a gente só faz olhar, né Yuri? (Confirma balançando a cabeça).*

Logo após a conversa, os meninos pegaram sua bicicleta e ficaram andando em círculo, no quintal em frente à casa. Para eles, o espaço de brincar é limitado entre o quintal de suas casas e o parquinho da praça que fica no centro da cidade. Em suas palavras, o bairro não proporciona locais adequados para o desenvolvimento de brincadeiras, pois é pequeno e as ruas são vistas como um lugar perigoso, pensamento constante na sociedade atual, cada vez mais as crianças estão perdendo seus espaços na cidade para que possam brincar livremente.

O fato de conversarmos neste momento, com duas crianças, mostra que a presença delas nos espaços urbanos, não é frequente devido a pandemia, o que dificultou nossa coleta de dados, por estar sendo com abordagens etnográficas, a escassez de crianças não nos permitiu uma entrada mais eficaz e de convívio com os sujeitos da pesquisa.

Para os adultos, os espaços institucionalizados como parques e praças proporcionam mais segurança, enquanto as ruas são vistas como ambiente de marginalidade.

Brincar na rua é em muitas cidades do mundo uma espécie em vias de extinção. As mudanças sociais ocorridas nos últimos 20-30 anos alteraram significativamente a estrutura de vida familiar. Os hábitos quotidianos transformaram-se radicalmente, os ritmos e as rotinas das crianças também. O tempo espontâneo, da imprevisibilidade, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deu lugar ao tempo organizado, planejado, uniformizado (COELHO, 2007, p. 308)

O brincar livremente, elemento característico da cultura infantil, tem sido substituído por equipamentos eletrônicos e pelo preenchimento da rotina das crianças por diversas atividades e especialmente o brincar nas ruas que traz tantos benefícios nos aspectos cognitivos e sociais não tem mais tanto espaço nas infâncias contemporâneas.

Com base nisso, buscamos observar o movimento das crianças no bairro da União, os espaços em que frequentam, de que forma estabelecem as relações com os locais e os modos como se apropriam dos mesmos para o desenvolvimento de suas manifestações culturais.

Os espaços de lazer em bairros periféricos são de extrema relevância para o desenvolvimento psicossocial das crianças, como moradores ativos, estabelecem elos com o lugar se apropriando dos mais diversos espaços, construindo identidade, seja por meio de brincadeiras ou das mais diversas manifestações inerentes a cultura infantil.

Para Müller, (2010, p.19) *“O espaço, como um dos agentes construtores, contribui nesse processo com as diversas possibilidades de apropriação vividas em brincadeiras”*. Criança e espaço, unem-se no brincar para construção de suas identidades, interagindo e despertando seu imaginário infantil.

Um dos lugares em que a presença de crianças foi encontrada com maior constância, especialmente no horário da tarde, foi a orla do bairro, onde durante a cheia torna-se espaço de diversão para crianças, que transitam entre os barcos, pontes e flutuantes que ocupam grande parte do local, elas se divertem brincando de pescar e de pular n'água, muitas sem acompanhamento de um adulto.

**Figura 3: Brincadeira de pular n'água na orla do bairro.**



Fonte: Ana Paula Souza, 2021.

O brincar de pular n'água é uma brincadeira comum durante o período de cheia no Lago do Macurany, a qual rodeia o bairro da União. Crianças moradoras do bairro, até mesmo de bairros mais próximos, se dirigem para a orla em busca de diversão. Vale ressaltar que não são todas as crianças que brincam naquele local, é comum ver crianças que moram em ruas próximas da orla, ou que são moradoras da ocupação do castanhal próximo do bairro e até mesmo crianças que estão de passagem, por estarem acompanhando seus pais que veem de comunidades vizinhas para venda e compra de mercadorias no município. Conforme Silva (2005), as atividades cotidianas das crianças, como as brincadeiras, diferenciam-se de acordo com a posição da criança e de sua família na estrutura econômica.

A Pandemia modificou de forma considerável a dinâmica de vida de todos, principalmente das crianças, no bairro da União, por ser cercado por água.

O brincar na orla durante o período da cheia era algo prazeroso de ver, crianças se divertiam em grupos, brincadeiras como pular de cima das árvores e ver quem nadava mais longe, era uma das mais comuns.

Durante as observações, percebemos que são poucas crianças que frequentam a orla, as embarcações de pequeno porte ocupam grande parte do lugar se tornando um dos motivos de não encontrarmos quase crianças neste espaço.

Ao realizar a coleta de dados, em conversas informais com pessoas que transitavam pela orla e que estavam observando as crianças que brincavam, perguntamos de uma mãe o porquê de ela não deixar seu filho brincar com as outras

crianças que estavam presentes, a mesma contou que já teve muita perda de crianças brincando desse jeito:

Eu já vi crianças pulando n'água em cima desses motor, e quando mergulham, aí embaixo tem muito toco de árvores, se um deles bate com a cabeça num desses toco, é morte na certa, o filho duma mulher que morava perto da minha casa, morreu desse jeito. (Moradora da ocupação da orla.)

O brincar em espaços urbanos que envolve o natural, tem sido cercado pelo medo, assim como nas ruas, muitos pais não deixam que seus filhos brinquem nas vias públicas por receio de um acidente, nas águas não é diferente, os riscos também são considerados grandes pelos adultos.

**Figura 4: Brincando de pescar**



Fonte: Ana Paula Souza, 2021.

A pescaria, assim como o pular n'água, é uma das atividades presentes na orla do bairro da União, com a enchente crianças se divertem pescando sentadas na calçada, com suas linhas e anzol, algumas pegam os peixes e depois soltam, outras aproveitam e levam para suas casas, para servir de refeição. Além de ser uma atividade praticada por crianças, também avistamos a presença de adultos pescando, com caniços e em grupos.

**Figura 5: Crianças e adultos pescando em um flutuante**



Fonte: Ana Paula Souza, 2021

Podemos observar que é nesse momento, nessa interação entre adultos e crianças, que ocorre a manifestação cultural, onde o adulto apresenta algo para as crianças, e ali elas constroem do seu jeito, sua cultura, esta, construída a partir da cultura dos adultos, pois é no contexto de seu grupo social que a criança aprende a pertencer, nesse pertencimento, ela vai se identificando. (FIGUEIREDO, 2017)

Durante as observações, avistamos crianças brincando dentro de embarcações que ficam atracadas sob responsabilidade dos donos de flutuantes, fazendo de brinquedo, objetos ali descartados.

**Figura 6: Brincando em embarcações**



Fonte: Ana Paula Souza, 2021

Ao brincar, as crianças usam sua imaginação para criar e recriar, não existe uma regra a ser seguida quando se trata de brincadeiras para o improviso, para elas, a brincadeira é um convite para a criação e construção de artefatos para serem utilizados como brinquedos, um chamamento para o improviso, possibilidades engenhosas para a criação de um potencial brinquedo (FIGUEIREDO, 2017).

Nessa perspectiva, o brincar foi focalizado como aquele que não tem hora para acontecer e nem regras pré-estabelecidas, seja de quê e de qualquer que seja que as crianças estejam brincando.

Nossa coleta foi realizada durante o período de pandemia, mantendo todos os cuidados necessários para prevenir a identidade das crianças, bem como os cuidados decretados pela OMS decorrentes à pandemia do Covid-19. Mesmo com toda restrição para que pudessem sair de casa para brincar nos espaços públicos, observamos que algumas crianças continuaram frequentando a orla para brincar.

Com os decretos estabelecidos para que não ocorresse aglomeração, o único espaço de lazer do bairro, teve seu funcionamento suspenso, com isso, a presença de crianças nas ruas tornou-se novamente comum. A Estação Cidadania João do Carmo ficou com funcionamento apenas externo, a presença de crianças não foi permitida, bem como de qualquer outra pessoa que não fosse funcionário do local.

**Figura 7: Estação Cidadania durante a pandemia.**



Fonte: Ana Paula Souza, 2021.

Podemos observar que o local está praticamente abandonado, a área de recreação para crianças está tomado pelo mato, segundo um dos vigias do local, as

atividades serão retomadas no mês de julho, dependendo da situação da pandemia, o funcionamento voltará a ser presencial e o local passará por revitalização para atender a comunidade.

Com a figura 7, reafirmamos o que Tonucci (1997) fala sobre o brincar em espaços públicos durante a pandemia, onde a criança não pode viver as experiências fundamentais para o seu desenvolvimento. Experiências estas que caracterizam-se como a aventura, a emoção e o risco.

**Figura 8: Frente da Estação Cidadania durante a pandemia**



Fonte: Ana Paula Souza, 2021.

Antes da pandemia, este espaço era muito frequentado por crianças, jovens, vendedores de lanches (pipoca, picolé, sorvete, etc.), mães passeando com crianças de colo, os bancos eram pontos de encontros de casais, atualmente, o vazio é predominante.

Em uma conversa dialogada com uma criança, denominada aqui como Menino Ney de 11 anos, nome escolhido por ele, por ser fã do jogador de futebol Neymar Jr, ao perguntar sobre suas brincadeiras durante a pandemia, fez seguinte relato:

Eu não brinquei mais de nada, a mamãe não deixa eu sair de casa, só quando ela manda eu comprar alguma coisa, os meninos brincam lá pra rua de baixo, lá eles jogam bola e soltam papagaio todo dia, quando passa o carro da polícia, eles saem na carreira.

Percebemos aqui que em tempos de pandemia, por razões sanitárias e eventualmente secundárias, o controle parental, ou seja, cuidados de pais e responsáveis aumenta, através das observações e do diálogo, torna-se evidente que muitas crianças são impedidas de brincar em seus espaços de interação com outras crianças.

Com as brincadeiras, as crianças se relacionam e se apropriam dos espaços do bairro, apreendendo experiências do mundo ao seu redor. O brincar possibilita às crianças desenvolver a imaginação, criatividade e se constituir como sujeitos, pois além de tudo, brincando estão exercendo um de seus direitos que é a brincadeira. A prática lúdica é uma das formas das crianças se relacionarem entre si e com os adultos, com os espaços e com mundo.

Conforme Delgado (2014) os espaços apropriados pelos cidadãos, é mais que um espaço concreto, ele se torna parte de seu espaço, seu lugar, a partir das vivências, subjetividades e ressignificados.

**Figura 9: Crianças brincando em uma das ruas do bairro**



Fonte: Ana Paula Souza, 2021

Na figura 9, podemos observar crianças de idade diferentes brincando juntas, ao me aproximar delas, perguntei de forma informal qual era sua visão a respeito dos espaços urbanos que frequentavam, como por exemplo a rua em que estavam brincando.

*João: Ah! Eu gosto de brincar na rua, a gente fica mais solto, aí tem os meninos daqui, a gente monta um time e fica jogando, os meninos ficam correndo com os papagaio deles, uma vez ou outra levam uma bicuda (risos)*

*Pedro: A nossa rua é muito feia! Tá cheia de buraco, nem dá pra jogar bola direito, teve um dia que eu levei uma queda, fiquei com o joelho ralado, nem dá pra ir lá pro campinho, ainda tá muito cheio, não tem como atravessar lá pro outro lado. (Referindo-se a um campinho de futebol improvisado, em meio das castanheiras).*

Nessa perspectiva, Segundo Borba (2007), as culturas infantis não são reduzidas às brincadeiras, entretanto, elas são fundamentais para a constituição da cultura da infância e da relação entre pares. Isso se confirma no bairro da União,

demonstrando a contribuição das brincadeiras para potencializar a relação entre as crianças, com momentos de parceria e de construção coletiva.

Além disso, existem crianças de diferentes idades brincando juntas, estabelecendo relações de amizade, respeito e compreensão. Representando aquilo que vivem no seu meio social, se expressando de acordo com suas interações, dando sentido naquilo que fazem, manifestando cultura em seu brincar, onde fazem uma recriação do mundo e na produção das suas fantasias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo reuniu informações sobre a manifestação cultural das crianças em espaços urbanos, precisamente no bairro União, localizado na zona sudoeste da cidade de Parintins.

Além da relação existente entre crianças e brincadeiras, antes e durante a pandemia, reforçamos a compreensão que estas são atores sociais, participantes da construção e determinantes de suas próprias vidas, mas também da vida daqueles que as cercam, contribuindo para a aprendizagem como agentes que constroem saberes, ou seja, elas têm atividade e função; os relacionamentos sociais e as culturas das crianças são dignos de estudo por direito.

Ao considerar as crianças como autores sociais e a cidade como cenário cultural é indispensável pensar nos espaços urbanos e sobre as mudanças estruturais pelas quais a sociedade tem passado juntamente com os espaços em que elas vivem e interagem.

As cidades, os bairros em especial, possuem peculiaridades, historicidade, assim como as infâncias das crianças, que se cruzam e formam fatos únicos, como a manifestação cultural das crianças nos espaços urbanos, realizadas a partir da interação em brincadeiras, conversas e vivências.

Ao trazer o brincar nos espaços urbanos para o centro do debate, coloco aqui as crianças como sujeitos ativos. O ponto de vista que me conduziu até aqui, foi o fato de que no Bairro da União, por ser moradora do bairro, sempre observei a relação entre crianças, brincar e espaços urbanos, onde elas brincavam criando e recriando brincadeiras, em meio ao vai e vem de veículos (motos, bicicletas, triciclos), antes da pandemia, quando era possível sair de casa sem o medo de contrair o corona vírus e a doença infecciosa COVID 19.

Com a pesquisa, observamos que não há uma classificação de espaços urbanos no Bairro da União para crianças. Mesmo antes da pandemia, elas não tinham um lugar no Bairro dedicada à elas para brincadeiras, a “Estação Cidadania João do Carmo” mudou um pouco essa realidade, porém, mesmo sendo um espaço público do bairro, não é uma praça, e sim um complexo desportivo, a única área infantil é onde fica um escorregador e uma gangorra.

Ao realizar a pesquisa com crianças, buscamos compreender a visão delas a respeito dos espaços urbanos no bairro. De acordo com os relatos que tivemos, para

elas os espaços urbanos no bairro, são apenas as ruas, sendo o lugar em que elas brincam livremente, mesmo com os riscos que o mesmo apresenta, como acidentes decorrentes do trânsito. Para elas, as ruas são espaços de interação, no qual estabelece relação de amizade.

Os impactos da pandemia refletiram na relação existente entre criança e espaço urbano, limitando a mobilidade independente de crianças, que exploravam o espaço de acordo com as suas próprias coordenadas.

Espaços que antes eram ocupados pelas crianças em maior escala, como a orla do bairro, no qual durante a enchente se tornava uma área de banho, e o brincar de pular n'água era a brincadeira mais comum. No período da seca, a área se tornava um grande campo de futebol, locais de grande importância para as manifestações culturais, por permitir uma concentração maior de crianças, elas interagem com seus pares, demonstrando sua criatividade e autonomia.

Com a pandemia, ficou mais raro ver crianças nesses espaços, principalmente nos horários em que elas mais frequentavam. Muitas crianças por cuidado dos pais, deixaram de brincar na orla e nas ruas por medo de contraírem a doença, outras, mesmo sabendo dos riscos que estavam correndo, não deixaram de brincar onde costumavam, pois através das brincadeiras ocorre a construção de suas identidades quanto criança nos espaços em que as rodeiam.

Portanto, como pesquisadora e moradora do bairro da União, acredito que é necessário ter no bairro um espaço destinado à crianças, para que possam brincar de forma segura, no município de Parintins o único local para elas é o parquinho Pichita Cohen, mas devido ser localizado distante do bairro e estar fechado por conta da pandemia, as crianças do bairro da União não o frequentam, tendo como espaço de brincadeiras as ruas, sendo este o principal lugar de manifestação cultural vivido por elas.

A pesquisa em si, alcançou o objetivo desejado, conhecer como a manifestação cultural das crianças do bairro da União manifestam sua cultura, sendo um estudo que pode contribuir para os estudos sobre as culturas infantis e suas manifestações, levando para as salas de aula, a importância do brincar nos espaços não formais, além de ser uma alerta para que as autoridades pensem em espaços destinados às crianças nos bairros em que residem, para que possam ter liberdade de brincar e construir suas culturas em pares em segurança.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, LBP. Tecendo os fios da infância. In: **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 193 p. ISBN 978-85-7983-085-3. SciELO Books <http://books.scielo.org> anos de idade. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Básica,
- ARAÚJO, Ana Lucia Castilhano de. **Infância e Cidade: reflexões sobre espaço e lugar da criança**. Aprender – Cad. De Filosofia e Psic. Da Educação. V.10, 16, p. 107 – 127, 2016.
- ARRUDA, Fabiana Moura; MULLER. Brincadeiras e espaços urbanos: **Um estudo da prática lúdica de crianças de diferentes classes sociais da cidade de Maringá-PR**. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer 13 (4), 2010
- BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2007. 42,p.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- COELHO, G. N. Brincadeiras na favela: **A constituição da infância nas interações com o ambiente**. In: SARMENTO, M. J.; VASCONCELLOS, V. M. R. de. (Org.). **Infância (in) visível**. Araraquara: Junquera & Marin, 2007. 308p.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CORSARO, W. A. **Sociologia na infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DAMIANI, Amélia Luisa. Turismo e lazer em espaços urbanos. In.: DELGADO, Ana Cristina Coll. **Culturas Infantis, tensões e negociações entre adultos e crianças numa creche domiciliar**. Currículo sem Fronteiras, v.6, n1, pp.23, Jan/Jun.2002
- DUTRA, Rosyane. Entre canções, bocas-de-forno e petecas: **vivências e registros de cultura infantil maranhense**. Maranhão. Kiri-kerê: Pesquisa em Ensino. 2020
- ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei.nº.08.069,de Julho de 1990**. Brasília-2019.
- FIGUEIREDO, Ângela Maira Rodrigues. Crianças e territorialidades: **As brincadeiras nas ruas do bairro da União em Parintins/AM**. 2017.175f. Tese(Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia)- Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas (G. Velho)**. Rio de Janeiro: Guanabara. 1978

KLISYS, A. ; FONSECA, E. **Brincar e ler para viver: um guia para estruturação de espaços educativos e incentivo ao lúdico e a leitura**. São Paulo: Instituto Hedging-2008

KUHNEM, Ariane; SILVEIRA, Sheila Machado de. **Como crianças percebem a idealizam e realizam o ligar onde moram**. Psicologia USP, São Paulo, julho/setembro, 2008, 19(3), 295-316.

LIMA, Mayumi. **A criança e a cidade**. São Paulo: Nobel, 1989.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2.ed.- Rio de Janeiro: E. P. U,2013

MELO, Benedita Portugal; LOPES, João Teixeira; RODRIGUES, Julia. SEIXAS, Eunice Castro. Cadernos da Pandemia do Instituto de Sociologia da Universidade de Porto. Vol.6. Crianças na cidade em Tempos de COVID-19: **Reflexões a partir da investigação em espaços públicos no Porto e em Lisboa**. 2020.

MOYLES, Janet. **A excelência do brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MULLER, Fernando. Infâncias nas vozes das crianças: **Culturas infantis, trabalho e resistência**. 2000. Edu.Soc. Campinas, com.27.95, p. 553-573, maio/ago. 2006

MULLER, Veronica Regina. Lugar e espaço, in: **Lugar, espaço e conhecimento: crianças em pequenas e grandes cidades- Crianças situadas: Um passeio por Woldsby**. Trabalho originalmente publicado em: Christensen, P.;O'Brien,M.(Eds.). Children in the city: home, neighbourhood and community. London: RoutledgeFalmer, 2003.

Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020, Março 15) Como explicar a uma criança a importância das medidas de distanciamento social e isolamento? Ordem dos Psicólogos Portugueses. In: [https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/covid\\_19\\_crianças .pdf](https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/covid_19_crianças.pdf) consultado a 22/03/2020 às 01:016

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. **As crianças, contextos e identidades**. Braga, Portugal. Universidade do Minho. Centro de Estudo da Criança. Ed. Bezerra, 1997.

PORTILHO, Maria Labatut. **A criança e o brincar como experiência de cultura**. 2014. Revista Diálogo Educacional. 14(43), 737-758,2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. Resumo do livro **O Espaço Urbano**, de Roberto Lobato Corrêa (Editora Ática, Série Princípios, 3a. edição, n. 174, 1995. p.1-16.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Crianças e Infâncias: **Uma categoria social em debate**. Zero-a-seis 6 (9), 15-20,2periodicos.ufsc.br. 2002/2003.

SARMENTO, M. (2018). Infância e cidade: Restrições e possibilidade. *Educação* 41(2), 232-240. <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.31317>

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: **Educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho.** 2005. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005 <http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>

SARMENTO, Manuel. Gerações e alteridade: **interrogações a partir da sociologia da infância\***. *Sociologia da infância: pesquisa com crianças.* 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/ij/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?lang=pt2005>> Acesso: 02/07/2021

SILVA, Isabel de Oliveira e, 1995- Infância e Pandemia na Região Metropolitana de Belo Horizonte: **primeiras análises**/Isabel de Oliveira e Silva, Iza Rodrigues da Luz e Levindo Diniz Carvalho. – Belo Horizonte: UFMG/ FaE/NEPEI,2021. 91f, :enc, il.color.

TONUCCI, Francesco. **A solidão da criança.** Tradução de Maria de Lourdes Tambaschia; revisão técnica de Ana Lúcia Goulart de Faria. 2 Ed. Campinas, SP. Ciranda das Letras, 2019.